

A Contemporaneidade Filosófica de Fernando Pessoa

A Intersecção Filosófica e Poética na Heteronímia de Fernando Pessoa

The Philosophical and Poetical Intersections in Fernando Pessoa's Heteronymy

Marilei Golfe Milan

Universidade de Passo Fundo

Resumo: A questão dos heterônimos de Fernando Pessoa é um mergulho na atmosfera do início do século XX. Versar sobre a heteronímia, o contexto histórico e a despersonalização do poeta é o nosso intento, bem como compreendê-lo na contemporaneidade, dado o seu pluralismo poético e filosófico. A dimensão, justifica-se estudos de Fianco (2008, 2018), Moisés (1998), Perrone-Moisés (2001) e Ribeiro (2012), nos posiciona sobre o espólio das produções. Os valores intrigantes à perspectiva de que a filosofia e a poesia, sob olhar de Alain Badiou (2002), versam inseparáveis, pretendem ser um contributo para o aprofundamento do estudo do pensamento multifacetado Pessoano.

Palavras-chave: Poesia; Filosofia; Fernando Pessoa; Heteronímia

Abstract: The question of Fernando Pessoa's heteronyms is a delve into the atmosphere of the beginning of the 20th century. Our aim is to discuss heteronymy, the historical context, and the depersonalization of the poet, as well as understanding them in contemporary times, given the poet's poetic and philosophical pluralism. The dimension, justified in the studies of Fianco (2008, 2018), Moisés (1998), Perrone-Moisés (2001), and Ribeiro (2012), positions us about the state of their productions. The intriguing values from the perspective that philosophy and poetry, under the eyes of Alain Badiou (2002), are inseparable will intend to be a contribution to the deepening of the study of Pessoa's multifaceted thought.

Keywords: Poetry; Philosophy; Fernando Pessoa; Heteronymy

Introdução

Debaixo da camada visível da construção heteronímica do poeta português Fernando Pessoa, revelam-se retalhos do mecanismo de multiplicação e propósitos que determinaram a profunda mudança no fazer poético em Portugal. Na confissão escrita pouco tempo antes da sua partida física, o poeta fingidor instaura a verdade perturbadora que, tal qual uma esfinge, jorra enigmas além e aquém. O pensamento contemporâneo, corrosivo e mutilado do poeta, em ajuntamento desdobrado e póstumo, formador de sistemas totêmicos da literatura ocidental, e que foi o bastante para operar a transformação na poesia portuguesa, teria sido inconcebível à época.

A poesia portuguesa contemplada com a heteronímia, segundo o teórico Massaud Moisés (1998), mostra que a diferenciação não é somente na organização gráfica das palavras, mas principalmente no conteúdo e na visão de mundo. Afastar a periculosidade simplória pressupõe reconhecer a doutrina órfica¹ como uma nova rota na literatura contemporânea, que se abre sem fronteiras, determinando profundas mudanças no fazer poético, e culminando em sua consagração. Ainda que o intento de reformar a cultura no berço órfico perdera homens que convenceram-se da impossibilidade de mudanças nos padrões mentais da época, brotou na literatura a incapacidade de perceber o significado dessas, pois o órfico é poético.

A autora Leyla Perrone-Moisés (2001) indaga sobre a identidade de Fernando Pessoa e nos convida à criticidade da nossa. Um aventurado ninguém que se escondeu em outros multiplicado; amando sua pátria língua realiza ações maiores que si e tal qual seu país, lançando caravelas, ele lança suas revistas portadoras de extraordinários. É desse surpreendente supra-Camões e de suas contradições existenciais, intelectuais, poéticas e políticas no despontar do século XX que se ocupam seus estudos.

Envolvido, ao tentar pensar o empreendimento poético Pessoano, o filósofo Alain Badiou (2002) questiona se soubemos colocar à altura do poeta, a filosofia e a poesia. Quanto ao dispositivo da heteronímia, o teórico nos propõe lembrarmos da inexplorada modernidade que se encontra a obra pessoana, sem que, ainda, as artes tenham lhe dado devido valor, independente da entrega à escrita, regras próprias ou jogos heterônimos. O deixar-ser no materialismo poético muito particular não procura sugerir ou seduzir, no entanto, é sua própria verdade que opera no poema que jamais deve ser interpretado. A sintaxe é o fio condutor, segundo o autor, concebido na heteronímia e compondo um lugar ideal, inteligível, exibido na literatura e com configuração literária em que todos os problemas da contemporaneidade vem se inscrever.

A obra do poeta preserva no seu cerne a função de guardar o advento inesperado e aflito, conjuntamente em poesia e filosofia. Primeiramente, a elaboração desse estudo é acerca da gênese dos heterônimos. Neste, somos amparados principalmente pelos teóricos: Moisés (1998), Perrone-Moisés (2001) e Ribeiro (2012), pois desde criança Fernando Pessoa tinha tendência ao mundo fictício, cercava-se de amigos conhecidos que nunca existiram e fingia a sinceridade de compreender o mundo. Em seguida pontuamos, observando Moisés (1998) e Perrone-Moisés (2001), o contexto histórico e surpreendente de Portugal. Esse país, em seu obscurantismo, abraça ações pequenas por fora, mas grandes por dentro, e vindouras de mudanças na linha da tradição poética através da extraordinariedade órfica. Por fim, o estudo destaca a despersonalização do poeta no tempo, juntamente com a inseparabilidade da filosofia e da poesia, bem como as referências da contemporaneidade ao espólio. Para esse intento, observamos as ideias de Badiou (2002), Fianco (2008, 2018), Moisés (1998) e Perrone-Moisés (2001).

A Interseccionalidade dos Heterônimos

A Literatura Camoniana cantou a grandiosidade das navegações assim que os faróis não mais as avistaram. Portugal, mergulhada em apagamento e tristeza até voltar a se agitar, surpreende

¹ O movimento órfico, segundo Moisés (1998), empreendeu mais que uma reformulação do lirismo e do épico, intentou reforma de toda a cultura portuguesa, tanto no redirecionamento da mentalidade como no estilo de pensamento. A geração órfica derrubou mitos culturais herdados das antigas tradições, sentiu o vazio em resultado desse processo libertador e erigindo o novo, sem discernir claramente pois era a Poesia, o faziam com rara lucidez. É justamente o poder da palavra poética, a excelência poética, a primeira característica do órfico.

os que a haviam esquecido com o movimento literário materializado na revista *Orpheu*. O grupo órfico, resumido em breves meses, suficientes para alterar a poesia portuguesa, se situa não apenas na História ou em Portugal, mas em um lugar específico, que é a cidade de Lisboa. Essa está na margem de um continente conturbado, uma metrópole voltada para o Oceano vazio de suas antigas grandezas. É naquele lugar o levantar-se do imperioso componente órfico, Fernando António Nogueira Pessoa “em crise de identidade, poeta em crise de língua, gênio poético acuado num país que atravessa ele mesmo uma crise política e econômica” (Perrone-Moisés, 2001, p. 13). Ele era demais, demais para ele mesmo, na medida de sua educação aristocrática, moralizante e repressiva, em desacordo intelectual, segundo Perrone-Moisés (2001), e desconhecido em qualquer outro lugar do mundo. O excesso, continua a autora, estava na inteligência, na inventividade ou na modernidade, essas o constituíam em aberração no marasmo português. Estourado em mil sujeitos tornando-se um não-sujeito e transbordando em poesia, ele tentou se camuflar em nomes postícios por não encontrar a si mesmo.

Ele, dentre algum outro não-ser que assinava textos, intersecção entre fabulosos pontos cardeais, foi errante, no entanto abraçado na sua pátria: a língua portuguesa. Aqueles semelhantes originários do mesmo cérebro e com diversidades patentes, os heterônimos, são dotados de supremacia, sabedoria, fúria e sensibilidade. Cada um contempla sua face análoga e sem limites, se avizinhama vários em um, defendem ou rejeitam, mas se unem em conflito desintegrador para evidenciar a lucidez do poeta genial. Toda a criação da heteronímia pessoana foi a criação de um novo estilo, manifestou-se como “a mais clara expressão de escrever fora da sua pessoa” (Ribeiro, 2012, p. 08), pois são entidades feitas de autonomia, distanciadas do autor que as concebera, e pertencentes a literatura contemporânea. Em seu processo de construção da obra, as projeções do poeta criaram semi-heterônimos, quase-personalidades, heterônimos-fonte e sub-heterônimos, metaforicamente uma medusa de vários em um, embora sejam considerados um grau inferior ou superior, os heterônimos, esses sim, compõem o grau supremo do desdobramento.

O nascedouro heterônomico alojado no poeta debruçado em si e aspirando a realidade utópica, penetrou no labirinto do conhecimento. Nas diversas etapas da criação da complexa obra heteronímica, e também do palco onde estabeleceram as intersecções entre si “é possível encontrar a génese do grande drama em gente que todos os heterônimos juntos viriam a formar” (Ribeiro, 2012, p. 25). Rompe-se, assim, a hegemonia camonianiana e instaura-se a transformação pessoana.

Antes de Pessoa, embora não tão longínqua, houve desdobramentos de autores em obras que manifestaram-se principalmente em lírico, épico e mítico, no entanto, a multiplicidade de personalidade desse poeta é única. O próprio explica que seus traços de histeroneurastenia tendem à despersonalização e a simulação. O fingidor ao confessar “na conhecida carta de 13 de janeiro de 1953 a Adolfo Casais Monteiro” (Moisés, 1998, p. 34), é sincero sabendo contradizer-se. Naquele domingo o qual o poeta resolvera escrever a carta ao seu amigo Monteiro, em papel micho pois faltara o decente, e relatar a génese dos heterônimos, escrevia a verdade depressa. Descreveu-a como silêncio e poesia, condição assumida por seus aspectos mentais em si e não manifestados na vida prática ou exteriorizados, explodindo para dentro vivo a sós consigo. Confessa heterônimos já mortos e esquecidos, pois eles fizeram parte de um outro mundo igual a esse mas com outra gente,

amigos e conhecidos que nunca existiram e no distanciamento do tempo o poeta tem saudade deles. Na sua consciente inexistência, Pessoa concebeu e conheceu os heterônimos implantados em si, no entanto, divergentes ou influentes eles exigiram a despersonalização trabalhosa, seja em comportamentos mutilados ou simulações espontâneas.

Os registros dessa potencialidade infinita observada nos poemas de Pessoa é por nós acolhida “porque nos evita supor que possa substituir a singularidade de um pensamento pelo pensamento desse pensamento” (Badiou, 2002, p. 42). Pensada na contemporaneidade, talvez, também, por Pessoa, como um aceitável fingimento que “experimenta a vertigem de assistir, impotente ao desdobramento da máscara: ele finge que finge que finge... E a identidade é sempre diferida” (Perrone-Moisés, 2001, p. 26). É como um velho teatro da representação assumindo a multiplicação das máscaras, embora preocupado com a sinceridade, a falta de identidade descerra e revela a dramática de suas manifestações.

Pertencentes aos heterônimos, os poemas não são uma descrição, tampouco expressões ou pinturas comovidas da extensão do mundo, são operações e nos ensinam que o mundo não se apresenta como uma coleção de objetos e não se coloca em objeção ao pensamento, mas sim “aquilo cuja presença é mais essencial que a objetividade” (Badiou, 2002, p. 44). No entanto, a constituição dos poemas formados pela troca de palavras não é suficiente para constituir o drama do qual se compunha o poeta, pois se assim fosse

a criação dos heterônimos e das demais personalidades em nada se distinguiria da fabricação de uma personagem literária presente numa peça de teatro ou num romance. Para que surja um heterônimo é necessário que a alma que é revelada através da troca de palavras se constitua como uma entidade autónoma, com uma biografia, um conjunto de obras, um estilo, um modo de ver e sentir o mundo inteiramente autónomos, isto é, com uma linguagem autónoma” (Ribeiro, 2012, p. 29).

O teórico Badiou (2002) nos aconselha sobre o poema dizendo que a regra é muito simples, devemos nos envolver com ele para pensar o que acontece nele e não para saber do que nele se fala, pois o poema é um acontecimento e sua verdadeira relação é com o pensamento e a presença, ambas ultrapassam sujeito e objeto. Poeticamente somos convidados às operações do poema, pois de nós é dependente o ato de ouvir “o murmúrio do indiscernível” (Badiou, 2002, p. 51). É dos poetas que compõem nosso pensamento que o estudioso ocupa a filosofia. E, das poesias se compõem a nossa filosofia.

O drama heteronímico explode no dia 8 de março de 1914 em três diferentes poetas: Alberto Caeiro, um bucólico mestre; Ricardo Reis, um neoclássico estoico; Álvaro de Campos, um poeta futurista. Esse “estrano teatro que se põe a funcionar sem anterioridade e sem hierarquia” (Perrone-Moisés, 2001, p.27), questiona, segundo a autora, quem vem antes? e, quem manda?, pois Pessoa, ele mesmo, confessa e reconhece aprender com seus mestres heterônimos, “sente as coisas, mas não se mexe, nem mesmo por dentro” (Perrone-Moisés, 2001, p. 27). Penetrar no mundo pessoano nos alcança em pensamentos e expressões conforme o próprio Pessoa se expressou e pensou a sua obra, pois “sua fina e invulgar lucidez, a que não faltava o apoio das forças mediúnicas, esotéricas, que o frequentavam, par a par com um rigor de filosofante ou de ensaísta de formação racionalista, permitia-lhe construir uma obra monumental e, ainda,

submetê-la à crítica” (Moisés, 1998, p. 34). A obra de Pessoa adquiriu diabólica energia porque ele ao escrever, “reclama algo mais do que resposta sensorial por parte do leitor [...], reclama-lhe inteligência, mas a inteligência que pressupõem o paradoxo como fundamento. O leitor há de se sentir e pensar [...] como um hóspede íntimo e não um forasteiro” (Moisés, 1998, 34),

Essa bela peça pregada pelo poeta, mantém a filosofia e a poesia ocupadas, pois cada fechadura abre outra porta chaveada, cada enigma forma outro, e nenhum permite que se ultrapasse o verdadeiro construtor, “pois ele não estará em casa. Terá saído para dar uma volta” (Perrone-Moisés, 2001, p. 28). Os enigmas, bem como suas esfinges, perduram e se voltam entre si como o criador para sua criatura, não para serem desvendados, mas para se robustecer, se contagiar e se integrar na sua natureza múltipla. Conforme Moisés (1998, p. 36), Pessoa é duplo, criador e recriador de si mesmo, desdobrado em vários e bastando-se na sua reduplicação proporciona, ao contato com sua obra, nos metamorfosearmos e construirmos o caminho analítico e interpretativo em seus heterônimos.

Segundo Alain Badiou (2002), quando Platão escreveu que a discordância entre a filosofia e a poesia é muito antiga, referiu-se à identificação do pensamento, pois o que está em jogo é a abertura desse ao pensável e que absorvendo-se, na concepção do poeta da antiguidade, “submete a língua ao poder do dizer poético” (Badiou, 2002, p. 33). A contemporaneidade suporta essa ideia diferentemente de um grego, porque aprendemos diferente: o poema deve-se ao pensamento. Os poemas ultrapassam aquilo que o poeta quer dizer e não se encontram somente no deleite do espectador mas “na nova prospecção dos recursos da língua” (Badiou, 2002, p. 37).

Pessoa na Conjuntura do Início do Século XX

Pessoa representa seu Portugal, pois “uma cultura e uma língua que, depois de ter tido um Camões, tem um Fernando Pessoa, não pode ser dita em decadência” (Perrone-Moisés, 2001, p. 82), assim, ele confirma e enriquece a sua língua portuguesa. À medida em que é reconhecido gênio, o desqualificado e falho poeta, vê a arte moderna como um sonho. No passado, o sonho era o alto projeto das ações humanas, na contemporaneidade condena-se o sonho à irrealização que impede os ideais humanos, assim “a poesia preserva o sonho como a possibilidade de um projeto, que possa vir a dar um valor às ações, que as salve da cegueira e da brutalidade” (Perrone-Moisés, 2001, p. 83).

Em meio à crise de valores e de crenças, deixando para trás o oitocentismo e acendendo as luzes da modernidade, a obra pessoana é ocupada pela sensação de perda de contato com Deus, morto nietzschanamente, e o preenchimento desse espaço para organizar o conhecimento. Esse processo leva o poeta a entregar-se ao exercício do pensamento livre que leva ao caos fragmentário, pensar é viver e cansa e leva à destruição, nenhuma certeza resiste à corrosão do pensamento. A dolorosa incerteza, de que tudo é certo ou incerto ao mesmo tempo, denota turbulência cerebral de perder-se em si, fazendo com que o poeta se aniquele e se encarcere até negar-se como ser que pensa e sente.

O Pessoa-Ninguém se faz Alguém, mesmo duvidando de si, envolto no mesmo nevoeiro em que jaz Portugal e o separa do mundo. O país, em sua história, é visto como “um palco onde se

reúnem sincronicamente, para além do tempo, os seus protagonistas, cada um encarnando uma faceta do povo português" (Moisés, 1998, p. 222), esse tem o poeta convocando as vozes da história portuguesa para que a sinfonia de suas criações ergam-se e alcancem os sete mares de outrora. Os heterônimos não são somente frutos de uma mente rica, artística ou versátil, são "os cobrimentos de uma falha" (Perrone-Moisés, 2001, p. 96). A explosão de se multiplicar para dentro atesta sua impossibilidade de se sentir inteiro,

há sempre uma volta a mais na formulação do corriqueiro "não tenho o que eu quero": a consciência de que não ter não é um acidente, não alcançar não é apenas um malogro histórico e existencial, mas inerente ao desejar: querer é nunca ter, desejar é não alcançar (Perrone-Moisés, 2001, p. 111).

A obra pessoana está inscrita no conhecimento e, também no problema do conhecimento, guarda formas de acessar o saber, essa virtude a distingue dos predecessores e dos sucessores, culminando em sua diabólica inteligência que por sua vez é dotada de inquietude mental, essa não conhecendo o repouso, se verte em heterônimos. Dessa constatação nasce a necessidade de mostrar que Fernando Pessoa foi filósofo além de poeta. A inseparabilidade das duas artes, presentes ao longo dos diversos textos poético-literários que estão na base do mito do poeta-filósofo, segundo Ribeiro (2012), permanecem em grande medida ocultos aos leitores da obra. Estudos do autor informam a existência de textos filosóficos, embora há apelos à necessidade de critérios para seleção e organização dos mesmos, e o propósito da apresentação desses juntamente com a precisão das influências que implicam no reflexo da tradição, essa, por sua vez, é complexa e multifacetada, pois o sistema pessoano é pluralista e requer a observação de como se deu a construção filosófica de seu pensamento.

Os heterônimos são formas de penetrar no labirinto do conhecimento, pois contemplam "ser todos sem deixar de ser o que se é, e ao mesmo tempo ser todos como se deixasse de ser o que se é" (Moisés, 1998, p. 85), em concordância com "multiplicar-se em vários eus não é, em Pessoa, a riqueza subjetiva, mas uma falta subjetiva" (Perrone-Moisés, 2001, p. 117). Fingir-se de outro para acessar o conhecimento, para melhor se conhecer e conhecer o mundo, seja na planura dos versos ou nos bastidores, a ipseidade de Pessoa se afirma e se nega, lateja o eu que finge inalterável naturalidade e sinceridade, vibra niilismo "um profundo mal-estar, oriundo da constatação de que são arbitrários e frágeis, mesmo artificiais, os valores que sustentam a cultura e atribuem sentido à existência dos indivíduos" (Fianco, 2018, p. 101), no conhecimento e na história. O mal-estar sentido se apoderou das grandes capitais e vem a se confirmar em conflitos, foi vivido principalmente de duas maneiras, o modo derrotista do que se sente rejeitado pelo mundo que o cerca e o modo energético que procurava tentar mudar seu rumo.

Nesse momento histórico muitos inclinaram-se à amargura e à revolta, Pessoa experimentou essa frustração, fechava-se e escrevia propostas de reorganização social, moral e cultural, optou pela retirada passiva irônica e amarga. No início do século XX, ser português

significava ser o decaído de antigas grandezas, o provinciano com aspirações-saudades cosmopolitas, o enjeitado da Europa; significava estar informado ao progresso e quase não ter acesso a ele, viver num país agrário na época da industrialização; significa quando se é poeta, ter um público de analfabetos (Perrone-Moisés, 2001, p. 7).

No extrato do seu eu, escarifar-se em contradições é um álibi que dá saída à genialidade e o livra da assediosa loucura, projeta-se para fora em heterônimos para poder conviver com eles e mostrá-los nos primeiros anos do século XX. Os textos filosóficos de Pessoa têm implícita a questão da tradição, “precisar as influências significa precisar o reflexo da tradição” (Ribeiro, 2012, p. 03), e essa relação é múltipla e complexa, não foi criada como unitária mas como pluralista, assim espelhando a forma dessa construção, dimensiona ao alargamento que o transcende e impulsiona.

A personalidade do poeta derrama tinta pela complexidade do fenômeno heteronímico. Às vésperas do primeiro grande conflito mundial, o culturalmente revolucionário insinuando mudanças é útil para entender a motivação de despersonalização do poeta em uma Lisboa provinciana e pasmacenta. Para suprir a pobreza do ambiente, Pessoa se desdobrou em vários, inventou movimentos literários para sentir que pertenceriam a uma classe, ou seja, a poesia pôs-se a serviço do seu papel: o de alçar valor onde pareciam esses ausentes.

O fenômeno da histeroneurastenia aliado aos impulsos históricos na cena cultural, e fertilizados os embriões dos anos loucos, integraram a vitalidade do despontar do início do século XX, visando as tendências que seriam resposta ao órfico devido à turbulência criativa europeia. O processo criativo se exprimiu por meio dos heterônimos em suas sibilinas estrofes publicadas ou abauladas para as futuras descobertas, seus escritos são a premissa da reconstrução de seu Portugal, é na sua poesia que está “sua verdadeira aventura política: a exploração radical do sujeito e de seu imaginário, experiência à margem da História, mas iluminadora de seus processos mais profundos” (Perrone-Moisés, 2001, p. 135).

Pulverizada de gênios, a sociedade ocidental franqueou alcances insuspeitos na quadra das descobertas, enquanto na literatura aquilo que é de todos e multímoda de um só, o poeta, se fez na heteronímia, pois estava preparada a recepção ao poeta na sociedade. A repercussão do espírito unificado da época vincula-se ao conjunto histórico, mas somente Pessoa soube exprimir aos coevos e, por que não, aos pôsteros a individualidade em crise e espelhada nos heterônimos.

A Despersonalização Multímoda no Tempo

Habilitado ao conhecimento infinito e despersonalizado, a compulsiva fantasia fáustica de Fernando Pessoa viaja no tempo, transpassa sua época como símbolo do conhecimento e carrega nos projetos destinados a nos encontrar, mesmo sem qualquer assinatura, a pluralidade dos fragmentos filosóficos.

Qualquer estudo a respeito da intrigante obra heteronímica perpassa pelo espólio do poeta. Conforme os estudos de Ribeiro (2012), os documentos deixados pelo poeta compreendem livros filosóficos inacabados, projetos destinados a livros com linhas de pensamento projetado na multiplicidade de páginas existentes. Outros correspondem ao grupo de escritos filosóficos e “discutem o mais

variado tipo de assuntos, autores e movimentos filosóficos” (Ribeiro, 2012, p. 33). Outros, ainda, correspondem ao grupo de notas de leitura, pois o poeta tinha o hábito de tomar notas das suas leituras, essas não eram somente de literatura mas também, entre outras áreas, como a filosofia. As notas são importantíssimas porque deram origem aos escritos filosóficos que compreendem indicações e citações que englobam as considerações sobre as leituras feitas. O espólio conta, também, com inúmeras páginas autônomas que são identificadas como documentos e correspondem ao projeto de criação de diálogos filosóficos, são ficções e contos, muitas vezes, mais dialogados que narrados.

Conforme Moisés (1998, p. 44), a obra pessoana, tanto em prosa quanto em verso, compõe um painel de vinte e sete mil e quinhentos e quarenta e três textos observadas no espólio, essas contemplam o científico, o filosófico e seus colapsos, o estético e a pintura cubista, até a iluminadora sondagem por parte da psicanálise freudiana. Essa conjuntura registra sismograficamente o que acontecia em sua volta, dentro e fora de seu Portugal. Em conformidade, os números se ampliam quando pensamos na complexidade heteronímica “uma vez que sejam registradas mais de setenta personalidades literárias” (Fianco, 2018, p. 108), sendo citadas nesse texto apenas as mais ilustres. Se faz necessário citar, também, correntes de pensamento que o poeta foi fiel e que lhe serviu de base, o principal foi o

sensacionismo², entre diversos outros, nos quais faz encaixar seus heterônimos, sobre os quais eles tecem críticas aos movimentos e uns aos outros, defendem pontos de vista estéticos, entre cruzando referências e criando um mundo literário e intelectual autosuficiente e extremamente complexo. (Fianco, 2018, p. 109).

A experimentação filosófica do poeta apresenta a pluralidade das linhas de pensamento que contracena e “se soma à multiplicidade de posicionamentos teóricos para sofrer ainda uma nova variação, a pluralidade de estilos de escrita” (Fianco, 2018, p. 109) que, continua o autor, influencia autores contemporâneos e nos força a suspeitar de uma multidão em cada um dos múltiplos eus da poesia de Pessoa. Os grupos de textos apresentam-se diversos e contraditórios, ou seja, não contam com uma personalidade ou biografia, já no grupo de textos que é atribuído a uma personalidade heterônima, a relação que cada personalidade estabelece com as demais integra-se na obra, pois a experimentação filosófica torna-se parte integrante da visão do mundo e da biografia de cada personalidade.

Assim como cada cais levou o poeta a um destino, cada heterônimo levou a personalidade heteronímica a um lugar, mostrou-se em identidade, dureza argumentativa e nominações. O lugar ideal subjetivo e contemporâneo da composição do pensamento se mostra em imagem possível pois “Pessoa quer suscitar poeticamente a ideia precisa de um Portugal ao mesmo tempo singular e universal” (Badiou, 2002, p. 62). Os problemas da contemporaneidade vem se inscrever, segundo ao teórico, além da escrita de sua obra com todas as oposições e problemas do pensamento, pois exibe toda uma literatura em configuração desses, compondo um universo que além de real é múltiplo, contingente e intotalizável. O fato é que podemos atribuir estranhos sentimentos ao ler sua obra: “o de que é inútil ler outros”, “ele se basta”, e “está tudo ali” (Badiou, 2002, p. 63).

² O Sensacionismo define-se por ser calcado na ideia da sensação, como também nos escritos teóricos do poeta, pois nenhuma outra corrente literária lhe ocupou tanto o pensamento. Constituiu uma fase de procura de caminho em meio às tendências modernas que se hostilizavam, embora se declarava através de si ou de seu heterônimo Álvaro de Campos, se manteve fiel à esta ideologia estética (Moisés, 1998, p. 45).

Registros na literatura nos dizem sobre a instabilidade do eu em identidade, esse fixa na língua em expressões como estar fora de si ou perder-se de amores, mas são estados e não condições. Na modernidade, o sujeito poético “é o primeiro em desmascarar-se como falta e ausência” (Perrone-Moisés, 2001, p. 124). O real do poeta é o seu texto, ali ele se tece, se revela e se entrelaça, mas também é onde se desfaz, se dissolve, assim, “que destino é esse, senão o do Poeta? E que teia é essa, senão o texto pessoano, em que sua vida se baloiça, enredada, e o sujeito que se perde, presa de seu suporte?” (Perrone-Moisés, 2001, p. 128). Conviver com a obra pessoana é estar debruçado sobre o vácuo, experimentar vertigens que abalam nossas escassas seguranças, mas “Pessoa é uma lucidez, uma autocritica, e, se estas não apontam caminhos (a poesia nunca é resposta, mas sempre questão), são, no entanto, aberturas virtuais para uma vivência mais real da subjetividade” (Perrone-Moisés, 2001, p.137). A obra contém reconstrução e partilha de emoções, além de simpatia e compaixão, e o preço dessa autenticidade é a renúncia à personalidade com esvaziamento frágil e amor absoluto, pois

Pessoa não é um pensador, um filósofo, um teorizador da questão do sujeito, pleno ou vazio. Pessoa sentiu essas questões com um corpo que foi seu e, como todo Poeta, o que ele nos doa generosamente não são pensamentos, mas um corpo disperso em ritmos, que nosso próprio corpo reconhece e partilha numa relação anímica. Um corpo que, para ser partilhado, precisou renunciar ao ego e tornar-se um puro lugar de sentir” (Perrone-Moisés, 2001, p. 145).

As posições de Pessoa são inseparáveis em subjetividade, experiência social e força heteronômica pois perturbam a racionalidade dele. É essa força que provoca contradições, ele pretendia organizar Portugal, seja publicando seus artigos ou sepultando-os para a posteridade, e nessa reconstrução “tem algo de sublime, de patético e de irrisório. Porque é na poesia que está sua verdadeira aventura política: a exploração radical do sujeito e de seu imaginário, a experiência à margem da história, mas iluminadora de seus processos mais profundos” (Perrone-Moisés, 2001, p. 35). A autora esclarece, também, que Pessoa viveu o esfacelamento de ser, em meio aos seus pedaços vivos foi um *pelo menos* isso lúcido, e por ter renunciado a ser gente para ser um poeta é que é muito, é uma história vivida mesmo negativa.

No tempo e no espaço, a poesia pessoana alcança, se realiza e se intersecciona em contornos encarados em essência e concebidos em pureza,

um tempo apenas acessível à imaginação, jamais à experiência, ao menos como vivenciamos o tempo do relógio; e uma geografia em abstrato, ou reduzida não mais ao lugar-aonde, mas à sua ausência, como se o vazio entendido como sensação, fosse o espaço por excelência (Moisés, 1998, p. 196).

Por sua vez, a palavra “criaria o espaço e o tempo verdadeiros e absolutos: tornada símbolo, a palavra exprime o tempo e o espaço puros, acaba por convencer-se em espaço e tempo” (Moisés, 1998, p. 196). Em suma, o autor infere que a palavra é constituinte da forma visível, pelo espaço e pelo tempo é adquirida, constituída e compreendida como puras abstrações ou sensações, ou seja, o mistério assumindo forma diante do leitor.

Pessoa, seguro de seu valor, dá para a poesia a lição de respeitar os poetas do passado, buscando repetir-lhes a façanha, embora sem imitá-los em realização, temas ou artifícios, mas nos processos. Isso para construir outra grandeza, assim como há um supra-Camões talvez um dia alguém anuncie um supra-Pessoa.

Ler a obra pessoana nos torna ligados a ele em multiplicidade, vazio e infinito, contudo a modernidade não se esgota explicada pela filosofia, não àquela justiceira “a esse mundo que os deuses abandonaram para sempre” (Badiou, 2012, p. 63). Em conformidade com o pensamento de Pessoa somos lembrados por Mota (2016), que o poeta queria o rigor transmitido em sua obra, aquele de se dar o melhor e mais verdadeiro, como uma missão divina resumida no lema *Talent de Bien Faire*, que lhe vinha do Infante D. Henrique.

Considerações Finais

A premissa de que um sistema novo não elimina o anterior, mas o substitui ou aprimora ao focalizar um novo ângulo no diamante literário, é verdadeiro e constituinte da realidade. Heterônimos são intrigantes construções pessoanas, perduram e inspiram inúmeros estudos, e igualmente as intersecções com a diversidade de áreas e culturas. O conhecimento da vida e cultura do poeta por um poeta ou teórico vivo e que se faça entender como um continuísta da particularidade de Pessoa, denota agraciar a literatura com obras que se inclinam à originalidade.

O empreendimento pessoano insinua o contorcer dos laços da humanidade poética em afinidade com as artes, e que essas juntas ofereceram os apontamentos às facetas órficas. Assim se explica a enformaçāo do espírito órfico, enfeudado em espírito poético de emoção e pensamento, esses nos dão a impressão do poeta ter experimentado emoções, mas que não se rendeu a elas, não àquelas destituídas de pensamento, no entanto, perpetuou nuances e potencialidades que nos alcançam postumamente de si.

A arte e a filosofia são gemelares na obra de Pessoa, cada uma comporta sua dignidade diante da obra do poeta órfico e com as diferentes facetas da heteronímia, superam a compreensão entendida contemporânea. Seus escritos ainda reservam investigações e evocam desejo de ser o próprio ser, apreensivo em cognição de meditar no conhecimento, pois a clareza do dizer poético precisa de sensibilidade, embora a aridez integre o encanto de não seduzir nem sugerir verdades que não as suas, tampouco percorrer a sintaxe da inseparabilidade das artes.

Convém nos lembrarmos sobre o poeta, ele era um animado pela filosofia e atravessado por crises de depressão refletidos em sua produção doentia, insinuando, assim, uma guerra fora e outra dentro de si. O patriota que amava sua língua portuguesa e desejoso de sua unificação para em ajuntamento encontrar-se em si, mas fatigado de suas forças, sabia não ser o único que sofria do grande mal que se abatera sobre as almas do fim do século XIX e início do século XX.

No entanto, sublinhamos o pensamento de Massaud Moisés, para contribuir ao ambiente em que opera a contemporaneidade à obra de Pessoa. O crítico ideal que concilia as duas artes, a inseparabilidade da filosofia e da arte na obra pessoana, é o próprio Pessoa, somente ele reúne o conhecimento necessário sobre a arte e a literatura que o precede e o refinado gosto imparcial. Qualquer menos é fatal ao jogo das faculdades críticas, qualquer mais é espírito criativo egocêntrico e certa impermeabilidade ao trabalho alheio. Assim retornamos ao ponto de partida, pois paira

um certo lirismo em tudo o que se afirma novo acerca do poeta supõem estar em seus escritos, já foi sentido e pensado por ele, e insinua questionar se não jaz em seu espólio.

O paradoxo em que se assentam essas indagações envolve o legado pessoano, afinal, nos diz Alain Badiou, trata-se de um dos poetas decisivos do século XX, sobretudo quando se coloca seu pensamento como condição filosófica. Essa não está ou ainda não está em nível de atender a compreensão e nem de medir-se ou sustentar a supremacia que tenciona e corresponde novos horizontes na literatura, inconfundível e dotado de peculiaridades. As diferentes facetas do poeta, dispersas em heterônimos, encontram-se inexploradas, um desafio singular que insinua que sua modernidade está mais à nossa frente, ele atravessou tudo o que nos alcançou ou antecipou o que a contemporaneidade nos apresenta.

A heteronímia alcança todas as evoluções que a contemporaneidade construiu, isso está descrito nas quatro principais personalidades e infere reticências nesse inventor de labirintos. O ato de compreender Pessoa superior às artes informa ao pensamento e ao mundo que o tomo é grandioso em complexidade da alma humana, e requer inteligência luminosa. Também, acolhe-se a esperança de prover do espólio do poeta, através de escritos ainda não decifrados, o pensamento contemporâneo e a compreensão do pensamento de Fernando Pessoa por ele mesmo. O eu é inconsistentemente retratado e corroído pelas forças que se negam se e distendem nos poemas, com linguagem surpreendente ao materialismo muito particular, e reservam muitos estudos pois se abrem infinitamente em múltiplos e despersonalizados.

Referências

- BADIOU, Alain. **Pequeno manual de inestética.** Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- DIAS, Luís Francisco Fianco. **A ausência do trágico:** A crítica da cultura em Nietzsche e Adorno. 2008. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FIANCO, Francisco. Nietzsche e Fernando Pessoa: perspectivismo e heteronímia na (des)construção do sujeito. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários, [S.I.],** v. 36, p. 99 - 111, 2018.
- MOISÉS, Massaud. **Fernando Pessoa:** O espelho e a Esfinge. 3. ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1998.
- MOTA, Pedro Teixeira da. Fernando Pessoa e as diferentes leituras de sua vida e obra. **Signo,** Santa Cruz do Sul, v. 41, n. Unesp, p. 143-153, jan./jun. 2016.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Fernando Pessoa.** Aquém do eu, além do outro. 3. ed. rev e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PESSOA, Fernando. **Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas.** Introdução, organização e notas: António Quadros. Lisboa: Europa América, 1986.
- RIBEIRO, Nuno Filipe Gonçalves Nunes. **Tradição e Pluralismo nos Escritos de Fernando Pessoa.** 2012. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Ciência Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.